

## DO FASCÍNIO DA MORTE AO HORROR DO DESAMPARO: A LITERATURA ALOJA A PERVERSÃO

Mariana Pinheiro Ramalho

Hermano de França Rodrigues

*UFPB - Universidade Federal da Paraíba*

*ramalhomari@hotmail.com ; hermanorg@gmail.com*

**Resumo:** Ao longo do século XIX, a medicina decretou uma padronização dos costumes, fundada na higienização do sexo, em que quaisquer "desvios" eram considerados perturbações de ordem moral e psíquica, suscetíveis de degenerar a índole e a sanidade do indivíduo. Tomando como base as definições médicas da época, Sigmund Freud esclareceu, nos *Três ensaios sobre a sexualidade*, a dinâmica da perversão, que se caracteriza pela recusa à castração, como defesa frente às angústias edípicas. À vista disso, analisaremos os meandros do desejo perverso que recobre a subjetividade do personagem Ricardo, no conto "Venha ver o pôr-do-Sol", escrito por Lygia Fagundes Telles, em 1988. O enredo trata da história de dois ex-namorados, Raquel e Ricardo. Este, inconformado com a separação, resolve convidá-la para um último encontro num cemitério abandonado, e, aí, executa sua vingança, prendendo a moça numa tumba, punindo-a pelo fim do relacionamento.

**Palavras-chave:** Literatura; perversão; psicanálise.

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise psicanalítica, com base nas teorias freudianas, dos espectros da perversão alojados no personagem Ricardo, do conto *Venha ver o pôr-do-Sol*, de Lygia Fagundes Telles, publicado pela primeira vez em 1970, pela antiga e extinta editora carioca Bloch, na coletânea *Antes do Baile Verde*. O conto escolhido como objeto de estudo trata da história de Raquel e Ricardo, ex-namorados, que marcam um último encontro, a pedido de Ricardo, para que o momento seja a despedida definitiva de ambos. A garota só descobre que o local é um cemitério abandonado quando chega a ele, e se utiliza de frases zombeteiras contra o antigo namorado pela escolha inusitada do ambiente. O clima, a partir da descrição feita pelo narrador, é visto como bastante sombrio e silencioso, cortado apenas pelos passos do casal. O local, escolhido para o derradeiro encontro, faz jus à personalidade de Ricardo, que, ao longo de toda a narrativa, aparenta ser bastante misteriosa e ambígua, marcada por notáveis mudanças de feição e humor.

Ricardo, em todas as suas falas, dá indícios do desfecho do conto, sendo possível, juntamente com a narrativa, fazer pontes e explicações, de acordo com as definições de Sigmund Freud sobre a *perversão*. O personagem criado por Lygia Fagundes Telles sente uma enorme carga de prazer ao ver a agonia de sua ex-namorada, Raquel, em não saber qual seu objetivo e o que está para acontecer a cada passo dado de ambos. A prova de sua personalidade *perversa* está quando Ricardo, em sua ação final do conto, prende Raquel na tumba que dizia ser de sua família, se retira tranquilamente do cemitério.

### 1. A dinâmica da perversão

A sociedade, ao tratar do uso da palavra *perversão*, demonstra certa dificuldade, empregando-a erroneamente em diversos contextos. O termo passou a ser utilizado na medicina do século XIX, sendo incluído no vocabulário da profissão como uma degradação ou modificação para pior de uma função orgânica (FERRAZ, 2010, p. 22). Em sua origem, a palavra *perversão*, quando relacionada à época medieval, está carregada de juízo de valor, sendo o *perverso* contrário aos padrões aceitos, à direção do juízo, ou à lei. Até o século XVI – período que os historiadores consideram de desenvolvimento e imposição da civilização ocidental – Foucault, em sua obra *História da Sexualidade*, considera que as práticas sexuais

eram exercidas abertamente, faladas espontaneamente pelos ocidentais.

É no século XVII que a sexualidade passa a ser reprimida, com a ascensão da burguesia e a afirmação da família conjugal como núcleo primordial. O único e válido objetivo para o sexo é a reprodução, tornando sua discussão um total tabu, sendo regulada e controlada por um código externo ao sujeito. É, portanto, juntamente com as obras do Marquês de Sade e o individualismo burguês, no século XVIII, que a *perversão* torna-se a experiência de uma desnaturalização da sexualidade que imita a ordem natural do mundo (ROUDINESCO, 1944, p. 57).

A sexualidade, no meio social, prosseguia em meio à busca enclausurada pelo prazer, e aqueles que fugiam da norma – o fetichista, o sádico, o masoquista, o incestuoso, o necrófilo – eram ditos como doentes, tarados e degenerados, ou seja, uma raça ruim, sendo praticamente exilados da própria civilização. Em meados do século XIX, inserida no contexto dessa sexualidade restrita, a medicina começa seus estudos sobre a sexualidade humana. Pierre-Jean-Georges Cabanis (1843) foi o primeiro a definir a sexualidade como estabelecimento de relações interpessoais, sendo seguido por Wesphall (1870), definindo a “inversão sexual” como patologia hereditária, Lasègue (1877), com suas definições sobre exibicionismo, Krafft-Ebing (1879), que dividiu as anomalias sexuais em anestesia, hiperestesia, paradoxia e parestesia, e finalizando o século, Binet (1887), reconhecendo o fator hereditário como essencial constituinte das perversões e Ellis (1897) publicando *Estudos da Psicologia Sexual*.

Sigmund Freud, neste mesmo século, começa a estudar a *perversão*, partindo das definições médicas que estavam em vigor na época, e seu trabalho se deu por um longo caminho de intrincadas buscas e revisões. Em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Freud debruça-se sobre as definições de *pulsão sexual* e *economia psíquica*. Em *Fetichismo* (1927), mostra que o perverso não consegue libertar totalmente o seu eu da realidade exterior.

Na visão psicanalítica atual, o *perverso* não se encaixa nas demais patologias, libertando-se de uma condenação de ordem legal e social, não sendo mais visto como *perversos* a partir do momento em que a Lei não os define como perigosos para a sociedade (ROUDINESCO, 1944, p. 195), e o *perverso* passa a ser visto como um certo modo de pensar, tornando-se um estilo objeto de desejo.

## 2. O desejo perverso

Imerso pelas correntes clássicas dos psicopatólogos que o antecederam, Sigmund Freud lança suas primeiras análises sobre perversão com um olhar mais científico do que moral. Em 1905, Freud retoma o termo *perversão*, desta vez sem uma carga pejorativa ou com a presença de juízo de valor, relacionando-o à sexualidade, numa linguagem bastante objetiva.

As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetivos assexuais mais elevados — sua “sublimação” — destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais. (FREUD, 1905, p.55-56).

Em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Sigmund Freud apresenta, pela primeira vez, o conceito de perversão, alegando a presença contínua de características perverso-polimorfas na vida adulta, sendo essa uma particularidade da sexualidade pré-genital infantil, esclarecendo a polimorfia como

período da vida durante qual uma certa cota do que é sem dúvida prazer sexual é produzida pela excitação de várias partes da pele (zonas erógenas), pela atividade de certos instintos biológicos e pela excitação concomitante de muitos estados afetivos. (FREUD, 1907, p. 125).

Então, Freud (1905) observa que certos adultos se mantêm na prática de algum comportamento sexual de forma única, mais como defesa do que como capacidade de suportar a liberdade sexual, pois, na infância, os diversos espectros da sexualidade coexistiam sem uma organização em torno de si. Desse modo, a continuidade de uma sexualidade infantil perverso-polimorfa contextualizaria o perverso.

As definições começam a ficar mais claras quando Freud compara a *neurose* com a *perversão*, concluindo que, embora ambas tenham sua origem na sexualidade infantil, as *neuroses* são resultados de uma repressão mal sucedida, ao passo que as *perversões* “ignoraram” as repressões e foram resultados de uma integração falha. Enquanto o *neurótico* recalca suas ideias, substituindo a própria realidade por uma subjetiva, o desejo aparece no *perverso* como vontade de gozo, isento de qualquer culpa, sabendo exatamente o que quer realizar e o motivo. As *neuroses*, dizia Freud, eram o “negativo” das *perversões*.

Em seu trabalho *Fetichismo*, Freud define o fetiche, declarando que o mesmo “se destina a preservar o pênis da extinção. O fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que

não deseja abandonar.” (FREUD, 1927, p. 155). Esse substituto será algo que o menino, de fato, viu ou fantasiou na hora que seus olhos enxergaram a genitália feminina.

Em algum ponto de fixação, o perverso resiste, e essa resistência é chamada de *recusa* (Verleugnung), sendo esse o mecanismo de defesa e de construção do fetiche, utilizado na *perversão*, ou seja, o sujeito nega e enxerga, ao mesmo tempo, a ausência do pênis na mãe. A recusa da realidade consiste na recusa da aceitação da inexistência do pênis na mulher (mãe), juntamente com as angústias e frustrações derivadas da ameaça da perda, ou seja, “a saída encontrada na formação da estrutura perversa nada mais é que um meio de contornar a realidade inelutável da castração.” (FERRAZ, 2010, p. 42).

O *perverso* utiliza o saber da sexualidade da vida adulta com o gozo da sexualidade infantil. Em *Clivagem do ego no processo de defesa*, Freud (1940) reforça esse pensamento, trazendo a ideia de que existe uma clivagem intrapsíquica que permite a coexistência de duas realidades que não se influenciam. Enquanto uma considera a realidade, a outra a nega, trocando-a pelo seu próprio desejo, sendo esse, juntamente com sua irrealização, uma das características essenciais da *perversão*. Por oposição, o *perverso* criará um cenário para sua vida sexual em que a castração seja constantemente negada.

Alguns indivíduos *perversos* entendem que suas ações são aprovadas mediante uma autorização especial, ou que a sua sexualidade é “superior” à sexualidade comum, o que lhe faz ter orgulho da sua técnica e singularidade. Essa afirmação de superioridade pode ser oriunda dos vestígios da sexualidade infantil, como afirma Claire Pajazckowska, baseando-se nas teorias freudianas:

(...) pode ser um elemento da onipotência infantil que permeia as fantasias pré-genitais ou parte do mecanismo de negação que implica conscientizar-se da inferioridade da sexualidade infantil diante da potência heterossexual plena do adulto. (PAJAZCKOWSKA, 2005, p. 70-71).

Assim, o *perverso* conseguiria viver uma vida aparentemente normal, segundo as diretrizes sociais e, ao mesmo tempo, manter comportamentos não aceitos pela sociedade.

### 3. O horror do desamparo

Lygia Fagundes Telles é uma importante romancista e contista, autora de livros consagrados, tendo em seus escritos a presença do desencontro humano como inevitável. No ano de 1970, publica o livro *Antes do Baile*

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br  
[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)



*Verde*, uma coletânea de dezoito contos, que rendeu a autora o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros, na França. Nossa discussão debruça-se, especificamente, sobre o conto “Venha ver o pôr-do-Sol”, no qual a escritora traz uma boa carga de detalhes sombrios, sem retirar do leitor a expectativa para o desfecho da história, mesmo que a narrativa, na maioria das vezes, denuncie, por meio de atitudes físicas e falas, o que está prestes a acontecer. No conto, somos apresentados ao personagem Ricardo, rapaz “esguio e magro, (...) tinha um jeito jovial de estudante” (TELLES, 2009, p. 135), e Raquel, uma moça convencida e mesquinha, características essas que são explícitas pela forma de falar e a descrição de suas roupas.

A análise tem como foco o personagem Ricardo, que, ao longo do conto, deixa explícito em si características relacionadas à *perversão*, e as definições dadas por Sigmund Freud, em seus mais diversos trabalhos.

O primeiro indício dos traços *perversos*, na personalidade de Ricardo, aparece no início do conto, quando, assim que recebe a primeira reclamação de Raquel, ri. “Ele riu entre malicioso e ingênuo.” (Ibid., p. 135). A ambiguidade de sua personalidade apresenta-se em outros momentos da narrativa, e essa duplicidade sempre aparece a partir da sua fisionomia, numa mudança de traços entre o jovial e o idoso, entre o divertido e o misterioso. A essa ambiguidade, podemos relacionar a colocação de Freud sobre a clivagem intrapsíquica que possibilita a existência de duas personalidades que não conversam entre si. Uma personalidade leva em conta o aspecto da realidade em questão, enquanto, a outra, coloca no lugar da realidade o próprio desejo, como uma defesa.

Geralmente, suas mudanças de humor e expressão aparecem quando Raquel menciona algo sobre seu atual namorado, observações que possam afetar e desmerecer Ricardo de alguma maneira, trazendo a tona a sua personalidade fria e séria.

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as regazinhas sumiram. (Ibid., p. 138)

No decorrer do texto, muitas são as vezes que Ricardo deixa explícito qual seu verdadeiro objetivo ao levar sua ex-namorada para um cemitério abandonado, deixando claro que não aceita a interferência do atual namorado de Raquel. “- Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida.” (Ibid., p. 137).

Partindo do pressuposto de que o *perverso* se vê acima da Lei, a atitude de Ricardo ao prender Raquel na tumba, deixa explícita essa característica, pois, o ex-namorado tira o direito da garota de viver a vida a partir das suas próprias escolhas, colocando, como objetivo principal, a realização dos seus próprios desejos. Sendo assim, o sujeito *perverso* “põe em prática as fantasias pré-genitais; não as utiliza apenas como acessório para sua excitação, mas faz delas o centro mesmo de sua vida sexual.” (FERRAZ, 2010, p. 33).

A expressão de Ricardo, explicitada pelo narrador, ao realizar seu objetivo final do passeio, mostra o quanto ele estava satisfeito e como gozava do sofrimento de Raquel, quando ela percebeu que tudo tinha sido minimamente planejado por ele. Sua reação é esboçada no seguinte trecho: “No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.” (Ibid., p. 142).

Podendo o *perverso* viver entre duas realidades, uma não influenciando na outra, ação realizada por uma clivagem intrapsíquica definida por Freud em *Clivagem do ego no processo de defesa*, percebe-se que, ao final do conto, Ricardo demonstra seguir sua vida como se nada tivesse acontecido dentro do cemitério. O personagem realiza seu objetivo, sabendo desde antes do encontro exatamente o que iria fazer, deixando intrínseco em suas falas, enquanto Raquel só percebe que era uma emboscada quando já está presa:

- Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! - exigiu, examinando a fechadura novinha em folha. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. (Ibid., p. 143).

E, logo depois, satisfeito porque tudo saiu como planejado, seguiu sua vida, sem que o assassinato de sua ex-namorada pudesse influenciar em nenhuma de suas atitudes diárias, separando, com uma linha tênue, a realidade propriamente dita da realidade que construiu apenas para realizar o seu desejo. “Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.” (Ibid., p. 144).

A frase “crianças ao longe brincavam de roda” está presente no início do conto, e a presença dela, em seu desfecho, traz consigo a ideia de retorno à normalidade. Antes de o casal entrar no cemitério, eles viviam na realidade conhecida, comum aos dois. Ao sair do cemitério, Ricardo retorna ao real, mas, dessa vez, sem a companhia de Raquel.

## **Considerações finais**

A época vivida por Ricardo e Raquel era marcada por uma forte presença do masculino, onde o homem era colocado como mais forte, mais independente, mais superior. No ano que *Venha Ver o pôr-do-Sol* foi publicado, também lançou-se a Constituição de 1988, um marco na defesa de direitos igualitários para homens e mulheres no país. Pode-se observar mais uma vez a presença da ambiguidade, relacionando o conto trabalhado com o social da época. A mulher, finalmente alcançando – mesmo que apenas na teoria – a igualdade para com o homem, a vontade de Ricardo se sobressaiu, visando apenas se satisfazer e cumprir seu próprio objetivo: realizar a todo custo seu próprio desejo.

Ricardo, cambaleando entre uma realidade palpável e uma fictícia, coloca seu desejo em voga, realizando aquilo que lhe satisfazia e gozando do sofrimento, deixando que Raquel vivesse os últimos momentos de sua vida à mercê de uma réstia de sol que se afastaria devagar, deixando-a sozinha, enquanto sua morte não interfere em nada na vida que Ricardo seguirá.

## **Referências Bibliográficas**

- FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão. Coleção Clínica Psicanalítica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FREUD, Sigmund. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- PAJAZCKOWSKA, Claire. **Conceitos da psicanálise: perversão.** São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.





TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do Baile Verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.